



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE FILOSOFIA**

ITALLO VINICIUS ANDRADE MENEZES

AMOR E ETICIDADE EM SCHILLER

**CAMPINA GRANDE
2024**

ITALLO VINICIUS ANDRADE MENEZES

AMOR E ETICIDADE EM SCHILLER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em licenciatura-filosofia.

Área de concentração: estética.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M543a Menezes, Itallo Vinicius Andrade.

Amor e eticidade em Schiller [manuscrito] / Itallo Vinicius Andrade Menezes. - 2024.

24 p.

Digitado. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024. "Orientação : Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães, Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC. "

1. Amor. 2. Beleza. 3. Estética. I. Título

21. ed. CDD 100

ITALLO VINICIUS ANDRADE MENEZES

AMOR E ETICIDADE EM SCHILLER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em licenciatura-filosofia.

Área de concentração: estética.

Aprovada em: 06/09/2024.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio Carlos de Melo Magalhães (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente



MARIA SIMONE MARINHO NOGUEIRA
Data: 30/09/2024 14:53:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente



EUGENIA RIBEIRO TELES
Data: 30/09/2024 14:41:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Eugênia Ribeiro Teles
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por me guiarem, e me criarem, em graça e dignidade, tal como me motivarem dia após dia a sempre procurar melhorar.

À Antônio Carlos de Melo Magalhães, por ter sido não só um magnífico mestre, mas como a luz que me guiou para tal incrível área.

À Professora Simone Marinho, que sempre me tirou tão boas conversas e sempre me trouxe tão incríveis conhecimentos.

À Professora Eugênia Teles, por tanto me acompanhar nessa vida acadêmica, e estar sempre nas primeiras cadeiras de meus trabalhos.

À professora Gilmara Coutinho por todos os momentos em sala de aula e pela orientação enquanto minha formação como professor. E tão igual agradecer à Gersa Matheus, por ter sido, e ser sempre, aquela que me deu à luz no âmbito filosófico.

Aos familiares que estão sempre torcendo pela minha jornada, e que sempre estarão de pé torcendo por mim. E igualmente a minha segunda família, meus amigos, que tanto me acolheram e me fizeram a pessoa que sou hoje. Obrigado.

RESUMO

Este trabalho examina a relação entre amor e eticidade na filosofia estética de Friedrich Schiller (1759-1805). Tal filósofo e poeta alemão define a beleza como “liberdade no fenômeno”, unindo sensibilidade e razão. A pesquisa explora como essa concepção de beleza se manifesta na graça dos movimentos humanos, despertando o amor. Para Schiller, o amor, assim como a beleza, envolve uma liberdade ética e se expressa plenamente na eticidade. Diferente da paixão, que é, como defendido neste trabalho, momentânea e impulsiva, o amor verdadeiro projeta-se no futuro, sendo uma inclinação racional e moral. Este estudo defende que o amor pode ser objetivamente definido de maneira semelhante à beleza, superando a dicotomia entre razão e emoção. Ao aplicar o método objetivo-sensível de Schiller, a pesquisa busca trazer clareza a conceitos filosóficos tradicionalmente abstratos, os respeitando de maneira poética, mas esclarecendo seu aparecer no mundo, contribuindo para uma compreensão mais equilibrada entre sentimento e racionalidade.

Palavras-chave: Schiller; Amor; Beleza; Estética.

ABSTRACT

This work examines the relationship between love and ethics in the aesthetic philosophy of Friedrich Schiller (1759-1805). This German philosopher and poet defines beauty as “freedom in the phenomenon”, uniting sensitivity and reason. The research explores how this conception of beauty manifests itself in the grace of human movements, awakening love. For Schiller, love, like beauty, involves ethical freedom and is fully expressed in ethics. Unlike passion, which is, as argued in this work, momentary and impulsive, true love projects itself into the future, being a rational and moral inclination. This study argues that love can be objectively defined in a similar way to beauty, overcoming the dichotomy between reason and emotion. By applying Schiller's objective-sensitive method, the research seeks to bring clarity to traditionally abstract philosophical concepts, respecting them in a poetic way, but clarifying their appearance in the world, contributing to a more balanced understanding between feeling and rationality.

Keywords: Schiller; Love; Beauty; Aesthetic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	IDEIA DE BELEZA.....	10
3	GRAÇA.....	14
4	PAIXÃO E AMOR.....	17
5	CONCLUSÃO.....	23
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

1. INTRODUÇÃO

Durante toda a história da filosofia, e de toda humanidade em geral, sem sombra de dúvidas não há um tema tão presente quanto o amor, presente desde a poesia homérica até o teatro e às conversas cotidianas e banais. Esta palavra foi pensada e discutida nas mais diversas áreas do conhecimento da humanidade. Na filosofia, temos a discussão sobre essa ideia desde nossos primórdios até nossos contemporâneos: seja em Platão e Aristóteles na antiguidade, onde por um explora diferentes tipos de amor, culminando no conceito de amor platônico, que é um amor transcendental e voltado para a beleza e a verdade, e outro discute o amor (*philia*) como um componente central da amizade e da virtude, considerando diferentes tipos de amor e suas implicações éticas; Santo Agostinho, no medievo, onde ele aborda o amor de Deus e o amor ao próximo, enfatizando a caridade (amor divino) como a forma mais elevada de amor – também, enfatizando aqui as diversas filósofas medievais que também trataram sobre o amor. Até mesmo, chegando em nossos contemporâneos, com nomes como Schopenhauer, onde o mesmo vê o amor como uma manifestação da vontade de viver, influenciado pelos instintos e pelo desejo de perpetuar a espécie.

Muitos são as tentativas de entender o amor, mas ainda maior é o medo de acabar por, de certo modo, “limitar” a ideia de amor. Este conceito por si só nos exige um certo “respeito” ao tentar falarmos o que seria ele; pensar sobre o amor de maneira *objetiva* é algo extremamente por justamente estar intrínseco em praticamente todas as ações humanas. Querer reduzir a ideia de amor a um conceito objetivo é quase um insulto ao mesmo: temos de respeitar suas expressões, sua intensidade, seu *movimento*. É neste *perceber* do movimento do amor, sua manifestação, que iremos aqui, traçar um caminho da subjetividade do amor, até a objetividade do mesmo, respeitando seu movimento, utilizando do método objetivo-sensível encontrado nas obras de Friedrich Schiller, método esse, com e contra kantiano, que o filósofo e poeta alemão utiliza para definir um conceito objetivo do belo, em sua *liberdade no fenômeno*.

Johann Christoph Friedrich Schiller nasceu em Marbach am Neckar, Alemanha, em 10 de novembro de 1759. Seu pai, Johann Kaspar (1723- 1796), era um cirurgião militar que serviu em Marbach, onde casou com Elisabetha Dorothea Kodweiss (1732 - 1802), filha de um taberneiro. Schiller foi um poeta, dramaturgo, filósofo e historiador alemão, e foi amplamente reconhecido como uma das figuras mais proeminentes do Classicismo de Weimar, ao lado de Johann Wolfgang von Goethe. O autor destacou-se, além de suas obras filosóficas, por suas obras literárias, incluindo dramas como *Os Bandoleiros* (Die Räuber), *Maria Stuart* e

Guilherme Tell (Wilhelm Tell), que não apenas conquistaram aclamação crítica, mas também influenciaram significativamente o desenvolvimento do teatro alemão.

O conceito de *amor*, que à primeira vista, para os leitores fervorosos do mesmo, não parece existir tão claramente em suas obras, mas que sempre é visto nas entrelinhas, como em sua obra *Kallias ou Sobre a Beleza* – conjunto de cartas este indispensável para o entendimento da filosofia do mesmo –, Schiller, em uma conversa por uma das cartas com seu amigo Korner, afirma que deseja desenvolver um conceito *objetivo* de beleza, indo com e contra, como o mesmo ressalta, as ideias estéticas de Immanuel Kant (1724-1804), autor contemporâneo de Schiller, e que tanto influenciava as ideias de seu cotidiano. A beleza para Schiller, em uma explicação breve – mas que será melhor desenvolvida posteriormente – é a liberdade, encontrada em uma dedução transcendental¹; esta liberdade não só poderá ser encontrada na natureza, mas também no corpo humano, com a Graça – como ele desenvolverá em sua obra *Sobre Graça e dignidade* –, que nada mais seria que a liberdade do corpo de parecer tão livre ao ponto de ser belo, e gerar inclinação. Entretanto, chegando em sua obra póstuma *Fragments das Preleções sobre Estética do semestre de inverno de 1792-93*, recolhidos por Christian Friedrich Michaelis, ele afirma que “A liberdade no fenômeno desperta não apenas o prazer pelo objeto, como também *inclinação* pelo mesmo; esta inclinação da razão de se unir com o sensível chama-se *amor*”², é neste ponto que iremos nortear este trabalho.

Onde nasce a beleza? O que é a beleza do corpo? E por fim, o que é o amor? Conceito este que se manteve tão abstrato ao longo da história da filosofia, e até mesmo em nossa contemporaneidade. Iremos então conceitua-lo utilizando o método objetivo-sensível de Schiller, respeitando sua liberdade, e sua expressão no mundo, definindo-o de maneira objetiva e poética. Para além deste objetivo, iremos igualmente diferenciar um outro termo também muito abstrato em nossa contemporaneidade: a paixão, e o que a diferencia do amor, utilizando

¹ Kant, Immanuel. Crítica da Faculdade de Julgar. Pág. 83. A Dedução Transcendental, no contexto da "Crítica da Razão Pura" de Kant, refere-se à tentativa de justificar como os conceitos puros do entendimento (as categorias) se aplicam a objetos da experiência. Kant busca responder à questão fundamental de como é possível que nossos conceitos a priori, que não derivam da experiência sensível, possam se referir legitimamente a objetos empíricos. Existem dois tipos de dedução: a dedução empírica, que busca estabelecer a validade de conceitos com base na experiência, e a dedução transcendental, que é uma investigação sobre as condições de possibilidade do conhecimento a priori. Kant diferencia entre a dedução subjetiva (que investiga como as faculdades de conhecer, como a sensibilidade e o entendimento, tornam possível o conhecimento) e a dedução objetiva (que busca demonstrar a validade objetiva dos conceitos puros para qualquer experiência). Kant argumenta que para haver conhecimento, não basta que objetos nos sejam dados pelos sentidos (intuições), mas também é necessário que esses objetos sejam organizados segundo conceitos do entendimento, as categorias. Portanto, é a estrutura do próprio entendimento humano que torna a experiência possível, e as categorias são as condições necessárias para que qualquer objeto da experiência seja pensado. A dedução visa, assim, fundamentar a validade universal e necessária dessas categorias em relação aos objetos da experiência.

²Schiller, Friedrich. Fragmentos das Preleções sobre Estética do Semestre de inverno de 1792-93. Pág. 81.

seu conceito definido de maneira objetiva-sensível. Porém, antes de adentrarmos de fato na busca por esse amor objetivo, temos de primeiro entender o seu nascimento na beleza, como dirá Schiller.

2. A IDEIA DE BELEZA

O debate da estética, enquanto área da filosofia, se inicia em 1750, com Alexander Baumgarten (1714-1762), e sua obra de justo nome *Aesthetica*. É esta obra que irá guiar os pensadores da modernidade, diferentemente dos antigos, a retirarem os olhos das artes e pensarem a experiência da mesma: como é perceber que algo é arte, como é perceber que algo é agradável, o que são as formas e os traços na pintura e como eles nos arrebatam, e, um dos temas principais da estética, como percebemos o belo nas coisas, que Baumgarten afirma a possibilidade deste percebe pois, “Eu possuo a faculdade de sentir, que se chama sensibilidade. A sensibilidade representa tanto o estado de minha alma, quando então é chamada de sentido interno; quanto o estado de meu corpo, quando recebe o nome de sentido externo”³.

Por muito tempo o belo foi colocado como algo de difícil definição, tendo, ao decorrer da história do pensamento humano, diversos nomes notáveis que fizeram suas próprias tentativas de entender o aparecimento deste; tais como Edmund Burke (1729-1797), em sua obra *Uma Investigação Filosófica Acerca da Origem das Nossas Ideias do Sublime e do Belo*, como também Immanuel Kant (1724-1804), em sua *Crítica da Faculdade de Julgar*.

Kant afirma, já nas “primeiras” páginas de sua obra que, “O belo é o que, sem conceitos, se representa como objeto de um prazer universal”⁴, e que “A arte bela é arte na medida em que ao mesmo tempo parece ser natureza”⁵. Já Burke – também citado na obra de Kant – afirma que a beleza e seus objetos, antes de tudo, “[...] devem ser comparativamente pequenos. Em segundo, lisos. Em terceiro, a direção de suas partes deve variar; mas, em quarto, estas não devem ser angulosas, e sim como que fundidas umas nas outras”⁶; dentre outras características que o autor ressalta, mas sempre visando este viés agradável e sensual da beleza.

Consideremos assim que, em Kant, temos uma beleza subjetiva-racional, e em Burke, uma subjetiva-sensível, e ainda podemos colocar também uma concepção de beleza objetiva-racional, referente aos estetas racionalistas da escola de Gottfried Leibniz (1646-1716) e Christian Wolff (1679-1754), ou seja, Alexander Baumgarten, seu discípulo Georg Friedrich Meier (1718-1777) e Moses Mendelssohn (1729-1786), que o próprio Schiller os determina como “homens da perfeição” pois “[...] ao contrário dos sensualistas e de Kant, admitem um

³ Baumgarten, Alexander. *Aesthetica*. Pág. 66. §535.

⁴ Kant, Immanuel. *Crítica da Faculdade de Julgar*. Pág. 55. § 6.

⁵ *Ibidem*. Pág. 156. §45.

⁶ Burke, Edmund. *Uma Investigação Filosófica Acerca da Origem das Nossas Ideias do Sublime e do Belo*. Pág. 124.

critério objetivo para o belo: a perfeição do objeto [...]. O belo é tomado como objeto do conhecimento lógico”⁷.

Dentre os muitos que se propõem a pensar o belo, destaquemos aqui Friedrich Schiller, e seu conjunto de cartas *Kallias ou Sobre a Beleza*, que traz consigo a ideia de um conceito do belo em um método objetivo-sensível, diferentemente e contra – de certa forma – à todas as concepções apresentadas antes do mesmo. Schiller herda de Kant, antes de tudo, dois pontos principais: I), a ideia de dedução transcendental: a capacidade de a razão pôr qualidades em objetos⁸, e II), a ideia de o objeto belo ser algo natural, livre, liberdade essa que encontramos em Kant nos objetos belos denominados de “bezas livres”⁹.

Schiller nos demonstra que a beleza une a razão e a sensibilidade, quando o autor afirma em sua obra *Sobre Graça e Dignidade* que, “A beleza é, por isso, considerada cidadã de dois mundos, a um ela pertence pelo nascimento [o mundo sensível], ao outro, por adoção [a razão];”¹⁰. A beleza então une nossa razão à nossa sensibilidade, e ainda, afirma Schiller, em sua obra *Do Sublime ao Trágico*, que,

Sem o belo, existiria uma luta ininterrupta entre a nossa destinação natural e nossa destinação racional. No esforço de satisfazer a nossa missão espiritual, descuidaríamos da nossa *humanidade*; preparados a todo momento para sair do mundo dos sentidos, permaneceríamos sempre estranhos a essa esfera da ação que nos é reservada.¹¹

A beleza nasce no mundo sensível, mas é através de nossa razão que a mesma é desvelada, sendo talvez este o motivo do autor, na citação anterior, afirmar o movimento da nossa sensibilidade para nosso entendimento, embora o mesmo argumente que é muito mais por um *desvelamento* que o belo se apresenta, mas em todo momento unindo ambas as faculdades. É aqui onde Schiller separa-se de Kant, quando o mesmo afirma, saltando da subjetividade kantiana para a objetividade, que, “Beleza não é, pois, outra coisa senão liberdade no fenômeno”¹². Em Schiller a beleza está no mundo, no “[...] ser-determinado-do-interior [*des Voninnenbestimmtsein*] ou da liberdade”¹³.

⁷ Schiller, Friedrich. *Kallias ou Sobre a Beleza*. Pág. 46.

⁸ Immanuel, Kant. *Crítica da Razão Prática*. § 8.

⁹ Kant, Immanuel. *Crítica da Faculdade de Julgar*. Pág. 125. § 16.

¹⁰ Schiller, Friedrich. *Sobre Graça e Dignidade*. Pág. 16-17.

¹¹ Schiller, Friedrich. *Do sublime ao Trágico*. Pág. 73.

¹² Schiller, Friedrich. *Kallias ou Sobre a Beleza*. Pág. 60.

¹³ *Ibidem*. Pág. 82-83.

Há duas maneiras aqui, como o autor afirma, em uma das cartas do *Kallias ou Sobre a Beleza*, de se explicar esta proposição de Schiller: “[...] um muito divertido e fácil, *através da experiência*, e um muito insípido, *através de conclusões racionais*”¹⁴.

Unindo um pouco de ambas as vias de explicação, podemos definir de maneira direta que, a beleza, para Schiller, utilizando das ideias kantianas, não está sob a ótica da razão teórica, já que lida com conceitos e intuições, e, por conseguinte, trata de formas de pensamentos lógicos e teleológicos, aos quais não se aplicam a beleza; então, coloquemos nossos olhares na razão prática, e sua capacidade de pôr no objeto *qualidades*; de capacitar algo a determinar-se por si mesmo¹⁵, possibilitando que o objeto *apareça* como livre no ato de emprestar a “*similaridade à liberdade*”; Schiller virá a afirmar que, “[...] o acordo de uma ação com a forma da vontade pura é *eticidade* [*Sittlichkeit*]. A analogia de um fenômeno com a forma da vontade pura ou da liberdade é a *beleza* (no seu significado mais amplo)”¹⁶, e com isto ele rompe com o subjetivismo de Kant, ao afirmar que a beleza é esta capacidade do objeto de se *autodeterminar*, de estar tão empenhado em ser o que ele é ao ponto de *aparentar* ser livre, como um pássaro que voa tão confiantemente pelos céus, quase como se estivesse quebrando todas as leis da física, embora, efetivamente, não esteja. Aqui se encontra a beleza: a beleza como liberdade no fenômeno.

O belo no ser humano se manifesta de maneira diferente, mas que ainda muito semelhante à liberdade no fenômeno. A liberdade nos movimentos do corpo, que parecem tão livres e leves, a maneira como este se torna digno de ser amado, ganha outro nome para Schiller, em *Sobre Graça e Dignidade*: a *Graça* é esta liberdade nos movimentos do ser humano. O movimento da graça, para o autor, gera *inclinação* ao objeto ao se deparar com este ser tão livre, e que tal inclinação tem sua maior expressão na *eticidade*, no respeito, expressando-se em nossa *dignidade*, ou seja, em nossa disposição sublime¹⁷, esta capacidade do ser humano de unir sua sensibilidade e sua razão, em um *equilíbrio*.

É nesta dignidade que, afirma Schiller, “[...]nos é apresentado um exemplo da subordinação do sensível ao ético, cuja imitação é lei para nós, mas que, ao mesmo tempo, ultrapassa nossa capacidade física”¹⁸. Está aqui para nós um fato: seguir a *dignidade* é uma tarefa árdua, que chega a ultrapassar nossos limites físicos, ainda mais quando se deseja, quando se está em inclinação, e ele ainda afirma que, na graça, e na beleza em geral,

¹⁴ Ibidem. Pág. 54.

¹⁵ Immanuel, Kant. *Crítica da Razão Prática*. § 8.

¹⁶ Schiller, Friedrich. *Kallias ou Sobre a Beleza*. Pág. 59.

¹⁷ Schiller, Friedrich. *Sobre Graça e Dignidade*. Pág. 44.

¹⁸ Ibidem. Pág. 56.

[...] a razão vê satisfeita sua exigência na sensibilidade e inesperadamente uma de suas ideias vai ao seu encontro no fenômeno. Esta inesperada concordância do contingente da natureza com o necessário da razão desperta um sentimento de feliz aprovação (*comprazimento*) que dissipa o sentido, mas vivifica e ocupa o espírito; e tem de se seguir uma atração do objeto sensível. A esta atração chamamos benevolência – *amor*; um sentimento que é inseparável da graça e da beleza.¹⁹

A Graça então seria essa beleza nos movimentos que aparecem como livre no ser humano, e a dignidade a disposição sublime capaz de equilíbrio para expressar o respeito, e não coagir a liberdade daquele ser; e aqui repousa o problema principal que dissertaremos nesse trabalho: “o que é o amor?”. O definiremos utilizando como fundamento seu surgimento na graça a partir das obras de Schiller, conceito este [o amor] que é citado diversas vezes pelo autor, mas não é de certo, e por muito, como já dito, na própria filosofia, explicado/definido de maneira objetiva. Entretanto, o poeta e filósofo realiza a impressionante feito de conceituar, de maneira objetiva-sensível, o belo, respeitando sua expressão mas ainda assim o desvelando de maneira poética, possibilitando assim um caminho, tal qual feito com o belo, para a conceitualização do amor à maneira do método objetivo-sensível.

A definição objetiva-sensível é de certo o ponto ideal para entendemos a fruição de um sentimento: ela é tanto bem delimitada enquanto conceito, e gera agradabilidade quando a colocamos em prática, na *contemplação* deste objeto tão livre que se autodetermina. O método-objetivo-sensível visa uma *dedução transcendental* do sujeito para com o objeto: entender em seu *movimento*, em sua *aparição no fenômeno*. Tal método evita as limitações árduas do racionalismo, afim de evitar constranger o conceito, mas também evita o relativismo causado pela subjetividade: uma possibilidade de *equilíbrio*, encontrada em diversas obras filósofo.

¹⁹Ibidem. Pág. 56.

3. GRAÇA.

Entramos aqui, então, em contato com dois dos principais conceitos já presentes no título da obra – *Sobre Graça e Dignidade* – de Schiller, afim de entendermos o que é esta beleza livre dos movimentos, para melhor entendermos a *inclinação* gerada por ela, levando nos ao amor. A Graça é uma beleza móvel²⁰; é a beleza dos movimentos do corpo, que parecem leves, sutis – mas sem nenhuma tensão ou coerções nos movimentos, pois a alma não conhece nenhum²¹ – e acima de tudo, *parecem livres* – o que condiz com a definição objetiva de beleza do autor –. Esta será nossa ponte para entendermos o conceito de *amor* que surge junto a esta Graça.

Para que essa beleza nos movimentos se mostre, como graça, efetivamente, no corpo, os movimentos precisam ser *livres*, sem coerção, devem ter quase como vontade própria e natural de existir, pois, dirá Schiller, “A Graça é sempre apenas a beleza da forma movida pela liberdade e movimentos que meramente pertencem à natureza nunca podem merecer este nome”²², logo, exige-se aqui uma diferenciação de movimentos que o corpo expressa, para que possamos identificar ao certo quando este está exibindo graça.

O autor então fundamenta a ideia de movimentos involuntários – ou simpáticos, como ele os chama –, movimentos estes que “[...] pertencem à natureza e não a pessoa, somente da qual, porém, tem de brotar toda Graça”²³. Ou seja, os movimentos que despertam a verdadeira graça, a beleza no corpo, são aqueles que aparecem livres, que trazem consigo uma liberdade no fenômeno do *existir* daquele sujeito. E isso não se resume apenas ao movimento, pois, numa *bela alma*,

Todos os movimentos que partem dela serão leves, suaves e, contudo, vivos. O olho brilhará sereno e livre e a sensação cintilará no mesmo. A boca receberá, da suavidade do coração, uma Graça que nenhuma dissimulação pode fingir. Não será percebida nenhuma tensão na face nem nenhuma coerção nos movimentos voluntários, pois a alma não conhece nenhum. A voz será música e moverá o coração com a corrente pura das suas modulações.²⁴

Ao contrário, são os movimentos voluntários, que visam um desejo do sujeito, logo “[...] não se pode, portanto, dizer que o *espírito* se revela num movimento voluntário, pois este apenas expressa a *matéria da vontade* (o fim) [...]”²⁵.

²⁰Ibidem. Pág. 8.

²¹Ibidem. Pág. 43.

²² Ibidem. Pág. 21.

²³ Ibidem. Pág. 27.

²⁴ Ibidem. Pág. 43.

²⁵ Ibidem. Pág. 24.

Entretanto, entra aqui um problema que será identificado pelo próprio autor: “[...] qual destas duas espécies de movimentos fundados na pessoa é capaz da graça?”²⁶. É difícil identificar, de fato, quando o movimento do corpo é propriamente graça, ou quando segue mero desejo, até porquê, “Ao estender meu braço para pegar um objeto, realizo, portanto, um fim e o movimento que faço é prescrito pela intenção que quero atingir com isso[...]”²⁷, logo isso seria caracterizado por visar um fim, como um movimento voluntário, entretanto,

[...] que caminho quero deixar meu braço tomar para o objeto e até onde quero deixar o restante de meu corpo seguir— se quero fazer o movimento rápida ou lentamente, com maior ou menor consumo de força, neste momento, não torno parte neste cálculo preciso e, portanto, algo é remetido aqui à natureza em mim²⁸

É de fato difícil identificar qual a finalidade do movimento de tal corpo: ele quer se mostrar meramente existente, ou ele visa um fim? Todos os movimentos visam um fim, de fato, mas é so a partir do *tom* – conceito este que aparece igualmente em diversas vezes nas obras de Schiller – que podemos identificar a graça dos movimentos do corpo do sujeito.

Para entendemos melhor o conceito de *tom*, mais especificamente o *bom-tom* apresentado por Schiller, voltemos nossos olhos para o *Kallias*, onde ele afirma dois pontos principais para se constituir essa “percepção” das belas coisas: “A primeira lei do bom-tom é: *trata com cuidado a liberdade alheia.*”²⁹; aqui Schiller primeiro afirma que a liberdade que verte a graça dos corpos nunca podem coagir de mais liberdades, e isto é afirmado no próprio *Kallias* quando ele se questiona como podemos identificar que alguém está belamente vestida, ele diz: “Quando nem a roupa – através do corpo – nem o corpo – através da roupa – ferem algo em sua liberdade; quando a roupa se afigura como se nada tivesse a ver com o corpo e, no entanto, satisfaz à perfeição o seu fim”³⁰. A segunda lei para o *bom-tom* de Schiller, seria “[...] *mostra tu mesmo liberdade*”³¹, justamente o ponto onde nos situamos na discussão, e que graças a primeira lei se torna mais fácil agora identificar quando os movimentos são propriamente dignos de graça.

Podemos perceber aqui, e ressaltando exemplos anteriores, que há movimento voluntários capazes de graças – como o exemplo do caminho para o copo dado por Schiller –,

²⁶ Ibidem. Pág. 23.

²⁷ Ibidem. Pág. 23.

²⁸ Ibidem. Pág. 23.

²⁹ Schiller, Friedrich. *Kallias ou Sobre a Beleza*. Pág. 100.

³⁰ Ibidem. Pág. 95.

³¹ Ibidem. Pág. 100.

e é neste momento em que o movimento voluntário se confunde com o movimento simpático que temos a possibilidade de expressar graça voluntariamente, e diz o autor,

Um movimento voluntário, se não se combina, ao mesmo tempo, com um simpático ou, o que diz o mesmo, senão se confunde com algo de involuntário, que tem seu fundamento no estado de sensação moral da pessoa, *nunca* pode mostrar Graça, para o que sempre é exigido como causa um estado do ânimo.³²

A graça se dá, portanto, quando os movimentos simpáticos, ou os que se confundem com o mesmo, se expressam no corpo, gerando a graça da liberdade no movimento, no *existir* do sujeito. E é este gerar da graça que tanto nos atrai no sujeito, nos atrai ao ponto de nos inclinar a *amar*. Em sua obra póstuma, *Fragmentos das Preleções sobre Estética do semestre de inverno de 1792-93*, recolhidos por Christian Friedrich Michaelis – aluno de Schiller –, onde afirma que seu professor postulava que, “A liberdade no fenômeno desperta não apenas o prazer pelo objeto, como também *inclinação* pelo mesmo; esta inclinação da razão de se unir com o sensível chama-se *amor*”³³, definição semelhante podemos encontrar em *Sobre Graça e Dignidade*, onde ele afirma que,

Pode-se dizer do respeito que ele se curva diante de seu objeto; do amor, que ele se inclina ao seu; do desejo, que ele se lança ao seu. No respeito, a razão é o objeto e a natureza sensível, o sujeito. No amor, o objeto é sensível e a natureza moral é o sujeito. No desejo, objeto e sujeito são sensíveis.³⁴

Como dito anteriormente, mas vale a ressalva aqui, não é somente nessa beleza do agir do corpo que se encontra a beleza: há beleza na voz, no entusiasmo á algo, no momento em que a *bela-alma* se expressa; e agora partiremos a debater, definitivamente, o que é este *amor* que nasceu da graça, e por fim, o que é *o amor em sua ontologia*.

³² Schiller, Friedrich. Sobre Graça e Dignidade. Pág. 23-24.

³³ Schiller, Friedrich. Fragmentos das Preleções sobre Estética do Semestre de inverno de 1792-93. Pág. 81.

³⁴ Schiller, Friedrich. Sobre Graça e Dignidade. Pág. 57.

4. PAIXÃO E AMOR

Nenhum filósofo na história do pensamento humano chegou a conceituar o amor de maneira objetiva-sensível, um desvelamento de um sentimento, como na beleza em Schiller, mas já houve algo semelhante a oque procuramos neste trabalho, em Santo Agostinho, autor citado anteriormente, ele cita:

Uma vez por todas, foi-te dado um breve mandamento: Ama e faz o que quiseres. Se calas, cala-te movido pelo amor; se falas em tom alto, fala por amor; se corriges, corrige com amor; se perdoas, perdoa por amor. Tem no fundo do coração a raiz do amor: dessa raiz não pode sair senão o bem. (SANTO AGOSTINHO. Comentário da Primeira Epístola de São João. São Paulo: Paulinas, 1989).³⁵

Nesta citação podemos ver que há uma certa *fruição* do amor; um movimento do mesmo. Uma ideia de amar e deixar o amado ser; o que nos remete sem sombra de dúvidas a ideia da liberdade no fenômeno de Schiller; mas, afim de evitarmos fazer uma historiografia do conceito de amor, recoloquemos nosso olhar no objetivo deste trabalho: um amor que nasce da estética e seu conceito através do método objetivo-sensível.

Voltemos então às *Preleções sobre Estética*, onde Schiller apresenta a sua ideia de que a maior expressão do amor culmina na *eticidade*, quando postula que, “Contemplamos o belo propriamente não com respeito, mas com *amor*, excluída a beleza *humana*, que, no entanto, encerra em si a expressão da *eticidade* como objeto do respeito”³⁶. Schiller também irá citar, nas *Preleções*, a obra *Os Sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe, e afirma que esta obra é:

[...]um belo modelo da apresentação da paixão. A natureza, a paixão mesma, é o que vemos agir, e, no entanto, tudo é apresentação, plena de propósito, do poeta, que penetrou inteiramente no seu objeto.³⁷

Assim, podemos diferenciar aqui dois pontos indispensáveis e não explicitados pelo autor para os próximos passos deste trabalho: o que é o *amor* e o que é a *paixão*?

Ainda sabendo do final trágico da obra de Goethe, Schiller afirma que nela apresenta “paixão” e não *amor*, propriamente dito. Ao relacionarmos a expressão mais alta de amor para Schiller, a *eticidade*, e o final da obra de Goethe, pensamos aqui que a paixão não teria, então,

³⁵ Epistolae Ioanni: VII, 8. “Dilige, et quod vis fac: sive taceas, dilectione taceas; sive clames, dilectione clames; sive emendes, dilectione emendes; sive parcas, dilectione parcas: radix sit intus dilectionis, non potest de ista radice nisi bonum existere”

³⁶ Schiller, Friedrich. Fragmentos das Preleções sobre Estética do Semestre de inverno de 1792-93. Pág. 81-82.

³⁷ Ibidem. Pág. 71.

amor, pois, na aparente colocação do autor, não há eticidade, o que parece contraditório. Paixão então não possui amor, entretanto, se começarmos a analisar a obra de Goethe, podemos afirmar que o protagonista, Werther, não ama Charlotte? Ou que Romeu não amava Julieta – obra também citada por Schiller – pois não respeitou o desejo de sua amada e tirou sua própria vida? Porém, antes de tudo, devemos antes desenvolver, igualmente o autor fez com e contra Kant com o conceito de belo, o conceito objetivo de amor para que possamos entender o que o diferencia da paixão, e após isso voltar a obra dramáticas citadas.

Após uma breve reflexão, é de nosso conhecimento as claras diferenças estabelecidas nos dias atuais de paixão e amor, em termos de intensidade, e até mesmo em termos de autenticidade; trataremos aqui então de desenvolver um conceito objetivo de amor, para que assim possamos entender o porquê de Schiller ter admitido que o personagem de Goethe apresenta *paixão*, e não *amor*.

O amor é uma fruição³⁸, e que dissipa o ânimo, como afirma o autor quando diz,

[...] posto que é tensionado no respeito; pois aqui nada há que lhe ponha limites, porque o absolutamente grande nada tem acima de si e a sensibilidade, da qual apenas poderia vir a limitação, concorda na graça e na beleza com as ideias do espírito.³⁹

estas são umas das poucas afirmações sobre o amor que encontramos em suas obras, tornando-o assim um conceito muito abstrato, apesar de muito importante em sua teoria.

Se revistarmos novamente a ideia de beleza como liberdade no fenômeno de Schiller, poderemos começar a traçar um caminho, utilizando desta mesma ideia de um *desvelamento de um sentimento*, para atingirmos este tão almejado conceito de *amor*. Esquematinizemos: A beleza é liberdade no fenômeno, e se mostra presente no momento em que o objeto parece, não necessariamente efetivo, livre de qualquer coerção, definido por si mesmo, “A liberdade no fenômeno é a autodeterminação em uma coisa, na medida em que se revela na intuição”⁴⁰.

Ou seja, este objeto *aparece* para nós, esta coisa *define a si mesma uma regra*, a maneira que ela *quer* ser representada, ou, nas palavras do autor e poeta, “Que ela seja o que ela quer! Tão logo o ajuizamos esteticamente, então queremos meramente saber se o que ele é, é por si mesmo”⁴¹. Logo, esta liberdade nas coisas, aplicada ao ser humano, sendo chamada de Graça, a beleza móvel, a liberdade dos movimentos e aquilo que constitui a bela alma, e que leva o

³⁸ Schiller, Friedrich. Fragmentos das Preleções sobre Estética do Semestre de inverno de 1792-93. Pág. 82.

³⁹ Schiller, Friedrich. Sobre Graça e Dignidade. Pág. 57.

⁴⁰ Schiller, Friedrich. Kallias ou Sobre a Beleza. Pág. 68.

⁴¹ Ibidem. Pág. 69.

sujeito a *inclinarse* em direção a mesma, através do despertar do *amor*: esta *vontade de possuir*, mas que tem sua expressão máxima no respeito, na eticidade com o amado.

Após deixarmos claro todo o movimento da liberdade no fenômeno até a Graça no ser humano – de maior expressão nas mulheres, como afirmara o autor⁴² – que desperta o amor, enfatizemos aqui que o caminhar do pensamento de Schiller busca, antes de tudo, uma ontologia do belo, encontrado no fenômeno. Então, como faríamos aqui uma ontologia do amor? Como é saber que estamos amando?

Para definirmos melhor o conceito de amor que visa este trabalho, antes de tudo reorganizemos o que é o método objetivo-sensível em Schiller para com o belo: ele argumenta que, na tentativa de intuir a contemplação no fenômeno, a razão – pois justo a razão os torna fenômenos –, que tem em vista o conhecimento – por isso o mesmo a chama de razão teórica –, “aplica sua forma a representações, e estas se deixam dividir em [representações] imediatas (intuição) e mediatas (conceitos)”, sendo assim, “aquelas são dadas pela sensibilidade, e estas pela razão mesma (embora não sem a intervenção da sensibilidade)”, com isto, Schiller afirma que este modo que a razão teórica intui o fenômeno culmina que, “nas primeiras, na intuição, é contingente se elas concordam com a forma da razão; nos conceitos é necessário, se não devem suprimir a si mesmas”, logo, “aqui a razão encontra pois uma concordância com sua forma; lá ela se surpreende ao encontra-la”⁴³.

Entretanto, ele não se contenta com a definição de que a razão teórica possa ser capaz de intuir o belo, colocando o belo então sob a luz da razão prática, pois,

Um conceito não pode ser uma imitação da razão, pois ele existe através da razão, e a razão não pode imitar a si mesma; ele não pode ser apenas *análogo* à razão, tem de ser efetivamente conforme à razão. Uma ação da vontade [aqui, Schiller já está tratando da razão prática, que liga representações com a vontade, tendo em vista a ação] não pode ser apenas análoga à liberdade; tem de ser – ou ao menos deve ser – efetivamente livre. Em contrapartida, um efeito mecânico (todo efeito através da lei natural) nunca pode ser ajuizado como efetivamente *livre*, e sim apenas análogo à liberdade.⁴⁴

Schiller argumenta que a tentativa da razão prática de encontrar um conhecimento, realizar um ajuizamento *teleológico* da natureza é em vão, pois a beleza não possui uma finalidade, uma teleologia. Logo, não encontraremos a beleza, como ele afirma, “sob a rubrica da razão teórica”, devemos então caminhar para a razão prática, onde ele afirma:

⁴² Schiller, Friedrich. Sobre Graça e Dignidade. Pág. 43.

⁴³ Schiller, Friedrich. Kallias ou Sobre a Beleza. Pág. 56.

⁴⁴ Schiller, Friedrich. Kallias ou Sobre a Beleza. Pág. 56.

A razão prática abstrai de todo conhecimento e tem a ver apenas com determinações da vontade, ações interiores. Razão prática e determinação da vontade a partir da mera razão são a mesma coisa. A *forma* da razão prática é a ligação imediata da vontade com representações da razão, portanto, *exclusão de todo* fundamento de determinação *externo*; pois uma vontade que não é determinada pela mera forma razão prática é determinada do exterior, materialmente, heteronomamente. Portanto, admitir ou imitar a forma da razão prática quer dizer apenas: não ser determinado do exterior, e sim por si mesmo, ser determinado autonomamente ou assim parecer.⁴⁵

É esta *autodeterminação* que guia o método. A beleza se encontra sobre a luz da “*similaridade à liberdade [Freiheitsähnlichkeit]* ou, numa palavra, *liberdade*”⁴⁶ a *autodeterminação pura* é, em geral, a forma da razão prática. Devemos, então, procurar – e preservar no conceito – este movimento livre do amor, sua aparição enquanto uma *determinação interior do ser*. Esta então seria fundamentação teórica do método de Schiller, com e contra as ideias de Kant.

Então pensemos agora na fundamentação mais “poética” do amor: no início de um suposto interesse, somos jogados contra o amado. Ele nos possui, ao ponto de não sabermos diferenciar se estamos *amando* ou *apaixonados*, apenas sabemos que *há algo neste momento*. A imaginação, o desejo, a própria inclinação citada por Schiller estão presentes neste momento. Desejo e imaginação sempre estiveram de certo intimamente ligados um ao outro. Pois então, o que imaginamos e desejamos ao nos encontrar nesta situação de inclinação ao amado?

Até no desejo de volúpia do corpo há claramente imaginação. Nós então imaginamos o amado, criamos algo, não no agora, pois não está, ou não há possibilidades de estar, acontecendo no presente momento, mas no *futuro*, em um *futuro*. Esta é a chave para que entendamos o vale que há entre o amor e a paixão: tempo. Pode parecer óbvio, como a ideia de que a paixão é momentânea e o amor é mais duradouro por assim dizer. Porém, dissertemos isso de maneira mais precisa. A imagem criada por meros desejos da volúpia serão de curto prazo, graças a necessidade deste *prazer imediato* que é nos requisitado. Ao contrário do amor, em que a imagem criada será, com ou sem volúpia – pois a mesma pode sim estar presente em ambos os casos –, de maior prazo que a paixão. A *imagem-futura* é a chave para a ontologia⁴⁷ do amor. Quando amamos, imaginamos e organizamos maneiras de nos aproximar daquele ser, conhece-lo mais proximamente, sem um *desejo* nos coagindo – ou pelo menos não de maneira tão intensa ao ponto de se tornar uma necessidade –, mas sim uma *vontade*. Nós nos responsabilizamos por aquela imagem, queremos viver aquilo.

⁴⁵ Ibidem. Pág. 57.

⁴⁶ Ibidem. Pág. 59.

⁴⁷ O termo ontologia está aqui sendo utilizado de maneira cuidadosa, na tentativa de enfatizar uma resposta para o sujeito em sua dúvida de: “estarei eu amando ou não?”.

O amor dos pais tem sua ontologia confirmada no momento em que estes têm em mente um futuro em que seus filhos serão felizes, e os querem guiar para esta realidade, os acompanhar para este futuro mundo, a esta imagem-futura. No tão famoso ditado “onde há ódio, há amor” não entraria em contradição com a ideia de imagem-futura? Não! Pois o sujeito que odeia simplesmente imagina um futuro SEM aquele outro, ou seja, ainda há imagem-futura, ainda há um desejo de um futuro para o outro pensado, mesmo que não envolva o bem dela efetivamente, e é neste ponto que voltaremos ao conceito de *eticidade* de Schiller.

Vamos utilizar dos dois exemplos citados anteriormente quando falamos de imagem-futura para que possamos entender o lugar definitivo da eticidade: quando nossos pais pensam aquela realidade que eles desejam que vivamos, e que, em teoria, viveremos felizes nela, nem sempre é levado em consideração a imagem-futura *da* pessoa amada. Ou seja, muitos pais se tornam odiados porquê querem, e às vezes até obrigam, que seus filhos vivam aquela realidade pressuposta como “ideal e feliz” para eles. O amor está assim intimamente ligado ao ódio, pois, há uma linha extremamente tênue entre ser amado e ser odiado, de acordo com suas ações, e aí que entra a eticidade.

Após este caminhar em busca da ontologia do amor, podemos afirmar que: amor é imagem-futuro; mas sua maior expressão, sua eticidade, se encontra na comunicação da mesma. É necessário, enquanto se ama ou se apaixonou, comunicar sua imagem-futuro; até onde vai este seu desejo: é uma mero *desejo* de satisfação imediata ou é a *vontade* de querer estar ao lado do sujeito amado? Schiller afirma que, “O amor é um descenso, pois o respeito é uma elevação”⁴⁸, ou seja, é necessário *Dignidade*, este equilíbrio entre o entender o que sente e saber o que irá fazer, e a maior expressão desta dignidade, a maior *elevação*, é este respeito, o momento em que olhamos para nós mesmos e percebemos até onde nossa imagem-futuro quer nos levar. O amor é um descenso por ser um sentimento tão denso e tão amedrontador ao mesmo tempo, que se faz necessário termos mais do que nunca essa *eticidade* para podermos *amar*.

Amor é imagem-futura comunicada. Este sentimento envolve *temporalidade*, *intensidade* e claro, um *mundo*. Quando interpretamos a imagem-futura como uma ontologia do amor podemos acabar por pensar em uma “ontologia do futuro”, algo imaterial, existente apenas em uma ideia, mas que existe enquanto um *desejo*, ou até mesmo uma *esperança*. A imagem-futuro, em sua raiz, seria como a esperança de um bom amanhecer. De um bom sorriso lhe esperando na alvorada. O amor é uma emoção, mas que não se mantém no ambiente teórico, ele quer se efetivar no mundo, ele é *fruição constante*, ao passo que a paixão seria *fruição limitada*; podem

⁴⁸ Ibidem. Pág. 57.

possuir as mesmas intensidades, mas jamais a mesma longevidade; uma pode vir a transformar-se na outra, e isso pode vir a ser uma nova querela discutir; mas o amor sempre se permanecerá como esta promessa de um *futuro*.

5. CONCLUSÃO.

Schiller chega a nós com a possibilidade de coexistirmos em razão e sensibilidade, sentimento e lógica, desejo e vontade, *Graça e Dignidade*. O método objetivo-sensível é o método mais eficiente e respeitoso para entender as abstrações da vida: ele identifica o objeto em sua forma racional, e desvela sua identidade no sensível, no sentimento, respeitando o sentir humano, e honrado pela razão mesma. O conceito de amor objetivo-sensível é apenas um de muitos conceitos que podem ser sim postos em um equilíbrio sensível-racional claro, e muitos outros conceitos que por tanto tempo foram colocados como abstratos por uma deficiência de métodos radicais agora podem ter a chance de brilhar novamente em sua *autodeterminação*.

E igualmente agora podemos facilmente fazer a distinção que foi proposta anteriormente neste trabalho: a diferença entre *amor* e *paixão*, utilizando-se do conceito de amor como imagem-futura, e por fim, encerrando esta dicotomia, esta e muitas que poderão ser resolvidas posteriormente utilizando-se deste método.

O amor estético seria então um amor que visa entender a si mesmo enquanto uma culminância entre razão e sensibilidade. Entender seus atos, seu surgimento, e principalmente sua inclinação para com o amado, o respeitando em sua liberdade.

Voltando nossos olhares para as obras: os finais de *Os Sofrimentos do Jovem Werther* e *Romeu e Julieta*, ambos trágicos, envolvendo o suicídio de ambos os protagonistas, são para Schiller má-expressões do amor pois não possuem eticidade – ou ao menos é a resposta mais plausível, já que ele afirma esta máxima –. Poderemos considerar até mesmo que o autor utilizou a palavra *paixão* por mero uso, mas como um grande poeta não seria capaz de tamanho erro – talvez aclamando-o muito o mesmo, mas se pode ver, de certo, uma preocupação frequente na maneira como Schiller escolhe as palavras, como quando ele reflete sobre o uso da palavra *graça* e *Graça*, como ele diz em certa parte de *Sobre Graça e Dignidade*: “A beleza arquitetônica faz jus ao autor da natureza, *graça* e *Graça*, a quem as possui. Aquela é um talento, esta, um mérito pessoal.”⁴⁹ –. Podemos considerar aqui, também, por fim, que por serem fragmentos, não está totalmente explícito o pensamento do autor, o que nos dá oportunidade de pensar com ele, graças ao formato fragmentado do texto.

O amor é imagem-futura comunicada, isto está graciosamente definido. Ambos os protagonistas, tanto da obra de Goethe quanto de Shakespeare, não elevam esta expressão de amor à *eticidade*, pois a imagem-futura eles tinham de suas amadas foram retiradas deles. Como

⁴⁹ Ibidem. Pág. 20.

vimos anteriormente, Schiller afirma que seguir esta *dignidade* é um caminho árduo, que ultrapassa nossos limites físicos; a dor de perder esta imagem-futura é de intensidade imensurável e indescritível, e todos aqueles que passaram por esta dor podem afirma-la. Não faltou amor, e nem foi paixão, pois ambas as imagens-futuras de Werther e Romeu com Charlotte e Julieta eram extensas em tempo, em verdade, responsáveis e dispostas a fazerem de tudo para que aquela imagem se concretizasse no mundo. Não, aqui não é sobre amor e paixão, mas sim sobre a *Dignidade*.

Após as consequências, os acontecidos, os fatos de cada obra – que aqui não entraremos em detalhes para maior suspense do leitor que se interessar– que afetaram nossos românticos, acabou tornando difícil manter essa *dignidade* que Schiller tanto visava como sua máxima. Havia respeito, havia imagem-futuro, logo, havia amor; o que faltou a ambos, foi, *eticidade*, *dignidade*. Citemos Schiller:

A graça reside, portanto, na liberdade dos movimentos voluntários; a dignidade, no domínio dos involuntários. A graça deixa à natureza uma aparência de espontaneidade, aí onde ela executa as ordens do espírito; a dignidade, ao contrário, a submete a este, aí onde ela quer dominar⁵⁰.

Vemos aqui, juntamente a esta citação, que o amor está relacionado intimamente com esta necessidade de *equilíbrio*. A luta interna que há no ser humano, entre seu sensível e seu racional. A estética existe para unir o ser fragmentado, e evitar tragédias. Esta é a função contemporânea desta área tão subestimada; área esta que já demonstra vários frutos na área da fenomenologia por exemplo, por possuir este viés livre de rigorosidade, buscando unicamente a raiz desta experiência do viver e porquê do existir.

Temos agora em mãos um conceito que percorreu toda a filosofia de maneira abstrata e complexa sendo definido de maneira objetiva-sensível; este método pode ser melhor explorado para além da conceituação de sentimentos: como quando Schiller nos mostra o conceito de *jogo*, e afirma que, “Pois, para dizer tudo de vez, o homem joga somente quando é homem no pleno sentido da palavra, e *somente é homem pleno quando joga*”⁵¹. Esta noção de *jogo*, que tem uma importância tanto para o método objetivo-sensível, quanto em seu surgimento na obra *Educação Estética do Homem* de Schiller nos mostra duas preocupações do autor: a liberdade humana alcançada quando se atinge a *Dignidade*, e o requisito para que se entenda o mundo através da união das esferas da razão e da sensibilidade.

⁵⁰ Ibidem. Pág. 51.

⁵¹ Schiller. Friedrich. Educação Estética do Homem. Carta XV. Pág. 80.

O jogo é, em si, este saber unir suas vontades aos seus desejos, seu sensível ao racional: um jogo, jogar com ambas, escutar ambas, desvelar ambas e satisfaze-las. É possível satisfazer razão e sensibilidade? Já respondemos esta pergunta antes: a beleza vem para isto.

O título deste trabalho, *Amor e Eticidade em Schiller*, a palavra *eticidade* por diversas vezes pode ser interpretado, em sua tradução original de “Sittlichkeit”, como *moralidade*. Trazendo assim uma interpretação de uma “ética do amor”. Quando somos tomados por sentimentos, exigimos *Dignidade* de nossas ações, e para que possamos atingir este ponto culminante de nossa existência, precisamos *jogar* com a vida, precisamos escutar o nosso sensível e racional, e para isso temos a estética. Eticidade me parece ser um termo mais relacionado, a uma ética mais sentimental; embora pareça contingente o uso deste termo, uma melhor definição entre agir sob sentimentos, e agir sob a razão, pode sim ser uma questão de importante reflexão; logo, o uso de termos para diferenciar uma ação moral sob ideias racionais e uma ação moral sob influência sentimental – se assemelhando aqui a ideia de *Dignidade* de Schiller – merece certa atenção.

Precisamos sentir-nos parte deste mundo, e que nossa imagem-futura conosco seja a de um futuro feliz, e com menos dúvidas acerca daquilo que se sente, ou raciocina, uma feliz harmonia com beleza e razão, que impactam nosso âmbito ético, e até mesmo, político: quando aprendemos sobre aquilo que nos agrada, nos *autodeterminamos*, quando não, *outro nos determina*, determina nossas emoções, nosso certo e errado, e conseqüentemente, nosso mundo. O método objetivo-sensível é uma possibilidade de entendermos o mundo; a educação estética pode ser, talvez, um caminho para um *belo futuro*.

REFERÊNCIAS.

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. **Estética**. tradução de Mirian Sutter Medeiros. -- Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

BURKE, Edmund. **Uma investigação filosófica sobre a origem de nossas ideias do sublime e do belo**. Tradução, apresentação, notas: Enid Abreu Dobránszky. - Campinas, SP: Papyrus: Editora da Universidade de Campinas, 1993.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** Vale do Rio dos Sinos –São Leopoldo, RS: Editora UNISINOS, 1999.

KANT, Immanuel. **Crítica da Faculdade de Julgar**. Tradução: Daniela Botelho B. Guedes. Rua Anhanguera, 56 – Barra funda. ÍCONE EDITORA LTDA, 2009.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. Tradução e Prefácio: Afonso Bertagnoli. Versão para eBook: eBooksBrasil.com/Exilado (Epub e Kindle). Fonte Digital Digitalização da edição em papel da Edições e Publicações Brasil Editora S.A., São Paulo, 1959.

SCHILLER, Friedrich. **Do Sublime ao Trágico**; Organização: Pedro Sussekind; tradução e ensaios: Pedro Sussekind e Vladmir Vieira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SCHILLER, Friedrich. **Educação Estética do Homem: numa série de cartas**; Tradução Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. Introdução e notas Márcio Suzuki. Rua Oscar Freire, 1233 – 01426-001 – São Paulo – SP – BRASIL. EDITORA ILUMINURAS LTDA, 1989.

SCHILLER, Friedrich. **Fragmentos das preleções sobre estética do semestre de inverno de 1792-93: recolhidos por Christian Friedrich Michaelis**. Tradução e introdução Ricardo Barbosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SCHILLER, Friedrich. **Kallias ou Sobre a Beleza: a correspondência entre Schiller e Korner, janeiro-fevereiro 1793**. Tradução e introdução Ricardo Barbosa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

SCHILLER, Friedrich. **Sobre Graça e Dignidade**; Tradução: Ana Resende. Porto Alegre: Editora Movimento, 2008.